

---

## **Banalidade do Mal como Resposta ao Estímulo da espetacularização da Violência: Uma Análise do Videoclipe The Stage<sup>1</sup>**

Priscila Aparecida dos SANTOS<sup>2</sup>

Priscila Monteiro CHAVES<sup>3</sup>

Universidade do Oeste de Santa Catarina, Joaçaba, SC

### **RESUMO**

O presente artigo disserta sobre os diálogos possíveis de estabelecer entre os conceitos de Mal banal, apresentado por Hannah Arendt; Indústria Cultural de Adorno e Horkheimer; Sociedade do espetáculo de Guy Debord com a produção audiovisual da banda de rock norte-americana Avenged Sevenfold, intitulada The Stage. O estudo tem como objetivo compreender como o videoclipe dialoga com os conceitos filosóficos na composição de suas cenas, tendo em vista que o objeto de análise se trata também de uma expressão do espetáculo. Para tanto, fora desenvolvido inicialmente uma pesquisa bibliográfica, que visou identificar os conceitos a serem utilizados. Com esse estudo tornou-se possível a compreensão acerca da relação estabelecida entre a espetacularização da vida cotidiana e da violência com a ausência de empatia que gera assim a banalidade do mal.

**PALAVRAS-CHAVE:** Espetacularização da violência; Banalidade do Mal; Indústria Cultural; Reificação; Consciência.

### **INTRODUÇÃO**

As teorias da comunicação e seus fundamentos filosóficos ajudam no processo de compreensão das pessoas, suas ações, o modo como respondem a determinados sinais, o que as faz escolher certas marcas, preferir determinados tipos de programas e canais.

Imergindo no campo filosófico da comunicação política, encontra-se a teoria da Banalidade do Mal, que de acordo com a autora responsável por sua apresentação,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Intercom Jr do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação, 8º semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da UNOESC, e-mail: [priscila.santos@unoesc.edu.br](mailto:priscila.santos@unoesc.edu.br)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho, Professora do Curso de Publicidade e Propaganda, UNOESC, e-mail: [priscila.chaves@unoesc.edu.br](mailto:priscila.chaves@unoesc.edu.br)

---

Hannah Arendt, ela ocorre quando as pessoas estão tão acostumadas aos acontecimentos, que param de dar importância, nem sequer se dedicam a pensar mais sobre o assunto.

Um dos motivos pelo qual a banalidade do mal pode ser intensificada, pode se dar devido a influências da indústria cultural, que através da sua alienação e reificação (ou “coisificação”), transforma tudo em objeto, inclusive o homem (COELHO, 1993). É através da alienação que se torna possível persuadir às pessoas determinadas ideologias que ao serem colocadas várias vezes em pauta, possam ser vistas como algo normal e aceitável.

Por isso, para entender como a espetacularização do cotidiano e a reificação, transformam o mal em algo banal, através da massificação e manipulação vamos analisar os acontecimentos presentes no videoclipe realizando um estudo comparativo com as teoria de mal banal apresentada por Hannah Arendt, Indústria cultural e reificação de Adorno e Horkheimer, e sociedade do espetáculo de Guy Debord.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **Conceito de Mal Banal por Hannah Arendt**

Hannah Arendt, uma importante filósofa política alemã do século 20, ao ser chamada pelo jornal *The New Yorker*, para cobrir o julgamento de Adolf Eichmann, guarda nazista encarregado do transporte dos judeus para os campos de extermínio, desenvolve uma nova teoria, por analisar durante o julgamento que Eichmann se tratava de uma pessoa comum, incapaz de pensar por si próprio, que obedecia cegamente as ordens impostas pelos comandantes, ela denominou essa teoria como Banalidade do mal.

Ao ser acusado por cometer crimes contra o povo judeu, crimes contra a humanidade e crimes de guerra, durante o período da segunda Guerra Mundial, Eichmann declarava-se inocente no sentido da acusação, com base no fato de que, para o sistema legal nazista não fizera nada de errado, as acusações não constituíam crimes mas atos de estado (ARENDR, 1999, p. 32-33).

Para Sônia Schio (2011, p.1) “[...] o indivíduo comete atos maus porque não averigua os dados, não os avalia”. Por isso o mal torna-se banal, devido à ausência de juízo e à capacidade de julgar. As pessoas estão tão acostumados a receberem tudo pronto, já mastigado, que nem se importam de pensar sobre. Assim acontecia com

---

Eichmann, se era uma ordem superior devia ser cumprida, independente de sua natureza ser correta ou não. Pensar, nessas horas, era inútil, havia a chamada “força de lei”, que impedia os subordinados de agir de outra forma que não conforme o mandado. Em exemplo disso, o próprio Eichmann deixou bem claro que mataria o próprio pai, se recebesse tal ordem (ARENDETT; 1999. p. 33).

Eichmann, estava tão acostumado a receber, e cumprir ordens constantemente que nem se limitava a imaginar ou planejar algo. Sendo um homem completamente alienado, não passando de uma marionete dentro do sistema totalitário alemão.

O conceito de mal banal, como apresentado por Arendt, trata-se de um fenômeno superficial. Quanto menos uma pessoa se importa com aquilo que acontece à sua volta, quanto menos ela presta atenção aos acontecimentos, mais superficial e propensa ao mal se torna (SCHIO, 2011).

### **Conceito de espetáculo por Guy Debord**

A sociedade atual se encontra midiaticizada de tal forma que é mais comum encontrar representações do que está acontecendo, do que se deparar com o próprio acontecimento. A espetacularização se insere nesse meio, a fim de mediar a relação social através do uso de imagens e meras representações. Tudo aquilo que anteriormente era vivido diretamente, agora tornou-se representação (DEBORD, 1997).

A espetacularização em si trata-se de uma inversão da realidade em algo imagético, criado para satisfazer necessidades de uma sociedade capitalista. É uma relação social construída através de imagens que visam apresentar às pessoas conceitos pré-estipulados, a fim de fazer com que a realidade seja moldada pelo espetáculo, que as pessoas se tornem alienadas e venham a agir de forma totalmente esperada pelos idealizadores do espetáculo. Para Debord (1997, p.16), “o conceito de espetáculo unifica e explica uma grande diversidade de fenômenos aparentes [...] o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda a vida humana, socialmente falando, como simples aparência.

Apesar de ser apresentado como algo belo, inquestionável, o espetáculo tem bases na indústria moderna, sob a qual, a sociedade se mantém. Através disso ele

---

transmite a ideologia de aceitação passiva, em que o que é verdadeiro tornou-se falso e o que é falso torna-se verdadeiro.

### **Indústria cultural como meio de reificação e alienação**

Através das alterações na forma de trabalho humano, baseado nos desdobramentos do capitalismo e seus impactos na vida dos indivíduos, surge no século XIX um tipo particular de Indústria denominada como Indústria Cultural. Essa indústria por sua vez implantou um novo tipo de cultura, a de massa. Cultura essa que é baseada na prática do consumo de produtos culturais fabricados em série.

As obras de arte deixam de ser expressivas para se tornar reprodutivas e repetitivas, como simples mercadorias, assim como tudo que existe no capitalismo. De trabalhos de criação tornam-se eventos para o consumo. A arte em si torna-se uma dissimulação da realidade, uma ilusão falsificadora, uma arte sem sonho, sem passado e sem futuro, apenas momentânea, pois não há mais criatividade e consciência da sensibilidade, de trabalho de criação passam a ser eventos de consumo (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

Os produtos originários da Indústria Cultural, são fabricados com o intuito de serem monetizados. “Eles se definem a si mesmos como indústria, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores gerais suprimem toda a dúvida quanto à necessidade social de seus produtos” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

Dois traços marcantes da indústria cultural, são a reificação (transformar em coisa) e a alienação. Nessa reificação, tudo passa a ser transformado em objeto, inclusive o homem. Esse homem reificado só pode ser um homem alienado: alienado de seu trabalho, que é trocado por um valor em moeda inferior às forças por ele gastas; alienado do produto de seu trabalho, que ele mesmo não pode comprar, pois seu trabalho não é remunerado à altura do que ele mesmo produz; alienado de seus projetos, da vida do país, de sua própria vida, uma vez que não dispõe de tempo livre, nem de instrumentos teóricos capazes de permitir-lhe a crítica de si mesmo e da sociedade (COELHO, 1993, p.5).

Essa Alienação do consumidor da indústria cultural se dá em favor do objeto contemplado, pois quanto mais ele contempla, menos ele vive; quanto mais se

---

reconhece nas imagens dominantes da necessidade, menos ele é capaz de compreender sua própria existência e seus próprios desejos. Seus atos passam a não ser mais seus, mas de alguém que representa por ele (DEBORD, 1997).

A reificação do homem e de tudo que há ao seu redor, gera a mundanidade das coisas vivas significa que não há sujeito que não seja também objeto e que não apareça como tal para alguém que garanta sua realidade objetiva (ARENDR, 2010). A cultura deixa então de ser vista como instrumento de livre expressão, de crítica e conhecimento, mas como produto trocável por dinheiro e que deve ser consumido como se consome qualquer outra coisa.

## **METODOLOGIA**

A metodologia adotada para a pesquisa, foi a análise de conteúdo, que busca alcançar compreensão de seus símbolos além daquilo que está sendo mostrado explicitamente, indo além da leitura comum. Para Bardin (2011, p.47), a análise de conteúdo trata-se de um conjunto de técnicas de análise que tem por objetivo alguns procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, identificando indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos à produção/recepção destas mensagens. A fim de realizar uma análise de conteúdo, seguiu-se os três pólos cronológicos propostos por Bardin (2011), que são a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Ao ler um livro, ver um filme ou ouvir uma música, as pessoas sofrem reações provocadas pela obra. Isso porque frente às coisas mundanas, no mundo e com o mundo, os sujeitos sociais se questionam sobre o valor que as coisas têm na sua vida, as sensações provocadas fazem duvidar das certezas pré-estabelecidas, isto é, os sentidos a às coisas dados estão sempre em xeque (DUARTE JÚNIOR, 2005). Dessa forma, nossos mecanismos de interpretação que buscam entender e equilibrar as dores e os prazeres e sem esse “fundo indiferenciado de sensações e emoções, não há razão humana, pois, o pensamento ‘significador’ procura, desta forma, tornar inteligível ao homem este alicerce dinâmico, nascido de seu encontro com o mundo” (2005, p. 30).

---

Na segunda leitura da obra os objetos passam a ser vistos de maneira mais analítica, percebendo elementos que antes haviam passados despercebidos. Ao ser analisado de forma mais profunda, o clipe passa a ser estudado mais precisamente, no contexto de seu significado. Percebe-se então, a presença de uma mensagem de organização da sociedade, através de um diálogo com a realidade do mundo tanto historicamente quanto com a realidade do momento em que foi lançado.

A análise foi realizada por agrupamento de imagens que relacionam-se com as teorias abordadas a fim de melhor representar os conceitos. Sendo assim, na análise, a teoria de banalidade do mal está representada por Aceitação pacífica e conformismo, A teoria de Sociedade do espetáculo, como espetacularização da violência; e Indústria Cultural como Reificação das relações sociais.

## LINEAMENTOS DE UMA ANÁLISE

O Objeto de estudo, trata de um espetáculo de marionetes que encenam alguns grandes conflitos da humanidade. Ao serem expostos continuamente a cenas de violência, as pessoas da plateia que anteriormente se encontravam desconfiadas do que viria a acontecer passam a se deleitar com as cenas apresentadas, se tornando admiradoras do espetáculo que lhes é apresentado.

Ao analisar o espetáculo, fala-se em certa medida a própria linguagem do espetacular, no sentido de que se pisa no terreno metodológico desta sociedade que se exprime no espetáculo. Mas o espetáculo não significa outra coisa senão o sentido da prática total da formação econômico-social, o seu emprego do tempo. É o momento histórico que nos contém (DEBORD, 1997, p.16).

Trazendo à tona alguns dos maiores conflitos da humanidade, a música apresenta em sua letra críticas veladas a sociedade atual, e explora em seu videoclipe, através da utilização de marionetes, a manipulação por parte de quem detém o poder.

O vídeo alude a alguém que está nos observando, nos observando matando uns aos outros por coisas sem sentido e sem entender um ao outro", disse Shadows. "Assim que chega a um certo ponto, aperta um botão e a simulação recomeça, como se não pudéssemos entendê-la e isso é mais uma visão humanista, como por que não podemos nos tratar melhor? Estamos todos aqui e fazemos as mesmas coisas uns para os outros, seja lançando bombas um no outro ou batendo uns nos outros com paus (SHADOWS, 2016 apud FADROSKI, 2016)

O vídeo nos provoca uma reflexão sobre como está a humanidade nos dias de hoje. Sabendo que tudo aquilo que foi ali representado, é algo que realmente aconteceu na história e as pessoas acabam esquecendo, deixando de se importar com os fatos apresentados, focando apenas naquilo que lhes agrada.

### **Aceitação pacífica e conformismo**

Figura 1 - Resposta estímulo (00:02:38)



Fonte: YouTube (2016).

Ao entrar na tenda onde acontecia o espetáculo, alguns espectadores demonstravam repulsa pelo local algumas demonstram expectativa, outras uma curiosidade velada pelo que estaria por vir, e o que aquele local representa. Após decorrido certo tempo de espetáculo, as pessoas passam a se conformar com o local e até mesmo a aceitar determinadas condições. Isso pode ser percebido pelo modo de agir, ao que denominamos de conformismo. Aceitar que está bom do jeito que está, e que não precisa mudar. O mesmo acontece com relação às encenações apresentadas. Aos primeiros estímulos do espetáculo a plateia tende a ser mais resistente quanto à receptividade da mensagem, porém depois de algumas exposições as percepções começam a mudar, e até mesmo as que se mostravam mais relutantes no início, tendem a se submeter ao espetáculo.

O semblante das pessoas que antes era de desgosto e desconfiança, agora mostram empolgação e expectativa, elas vibram com acontecimentos, batem palmas, e ficam à espera da representação que vem a seguir. Percebe-se através disto que as pessoas tendem a aceitar facilmente os estímulos do espetáculo, e mesmo que no início aquilo não agrada, após a repetição passam a aceitar e se conformar com aquilo que está sendo entregue como meio de entretenimento.

### **Espetacularização da violência**

A indústria cultural caracterizada pela idealização e comercialização em massa de objetos culturais, no contexto da relação capitalista de produção, tem como objetivo principal os lucros, que se dá pela compra de ingressos para o cinema, ou teatro, na reprodução de espetáculos em grande escala.

Na representação em questão, as pessoas pagam para estar assistido a algo que por meio da divulgação realizada, lhes despertou o interesse e a atenção. Quando em contato com o espetáculo apresentado, a curiosidade pelo que virá a seguir domina as faces dos espectadores, que passam a interagir com a peça.

Figura 2 - Coliseu (00:02:20)



Fonte: YouTube (2016).

A figura 2 apresenta a cena que se passa no Coliseu Romano , representando o auge do império romano. No interior da arena, um gladiador conduz dois homens amarrados um ao outro que juntos serão jogados aos leões.

Para que o massacre fosse realizado, era necessário o sinal do imperador, que gesticulava virando o polegar para baixo. Quando na encenação a marionete representando Júlio César fez o referido sinal, as pessoas da plateia interagem com o personagem, fazendo o mesmo, demonstrando aprovação ao ato. Essa aprovação pode ser percebida pelos traços em suas faces, com grandes sorrisos no rosto, e pela receptividade demonstrada na posição de inclinação do corpo para frente, e na repetição do gesto feito pelo governante.

Figura 3 - Espectadores (00:02:26)



Fonte: YouTube (2016).

Assim como os romanos que lotavam o coliseu para ver as pessoas serem dilaceradas pelos leões, as pessoas que se encontravam no auditório também se deleitavam com aquela espetacularização da violência. Baseado no ver, onde o sentido mais privilegiado é a visão, “o espetáculo é o sonho mau da sociedade” (DEBORD, 1997, p.19).

---

Ao transformar a violência em espetáculo, e fazer com que as pessoas sejam expostas continuamente à mesma, causa cada vez mais deleite com a situação, às fazendo deixar de se importar, e ver como algo completamente agradável e distrativo, invertendo completamente o mundo, e transformando a verdade em um momento do que é falso (DEBORD, 1997).

Quanto mais a violência é espetacularizada seja em filmes, séries ou mesmo nos noticiários, mais as pessoas se acostumam com aquilo e tendem a ver como algo comum, que acontece independente de suas ações. Muitas pessoas também, por terem sido alienadas no sentido do espetáculo, por verem cenas de violência como bem de consumo, totalmente capitalizado, acabam por não se importar mais com aquilo que veem, perdendo sua essência de valor.

#### **Reificação das relações sociais.**

No período da Primeira Guerra Mundial, que aconteceu entre os anos de 1914 e 1918, enquanto muitos soldados morriam nos fronts de batalha, os governantes e generais escondiam-se em seus escritórios gerenciando os esforços do combate, todavia, aqueles que tombavam em campo eram apenas figuras sem rosto, sem nome, sem história, eram apenas números que caíam e precisavam ser substituídos. Suas mortes eram para um bem maior, era em prol da nação que davam seu sangue, por acreditar na conquista da almejada vitória. As causas das mortes eram de honra, mas mesmo assim banais.

A figura 4, mostra a ocorrência desses embates, num característico cenário de batalha, com muita fumaça, dois tanques de guerra estão combatendo. Ao passo que, nas laterais do palco, abrem-se janelas que revelam generais e líderes de guerra reunidos para comemorar seus feitos e conquistas, com uma dose de álcool, enquanto abrem-se janelas na parte inferior do palco revelando soldados que estão escondidos nas trincheiras lutando, e mesmo com medo dando suas vidas.

Enquanto alguns sofrem com a ocorrência da guerra, outros se divertem. Tendo decorridas algumas cenas da batalha, um movimento de câmera lateral, mostra mais

uma vez a reação das pessoas presentes no auditório, ante os estímulos do espetáculo. Os espectadores presentes estão em polvorosa com o que está sendo apresentado a eles. A empolgação e o entusiasmo são evidentes pelos largos sorrisos em seus rostos e pelas palmas. Os corpos levemente inclinados para frente demonstram a receptividade ao espetáculo.

Figura 4 - Primeira Guerra Mundial (00:04:11)



Fonte: YouTube (2016).

O público ali presente não demonstra qualquer tipo de empatia pelos personagens que estão sofrendo maus tratos, sendo torturados ou mortos, mas ao contrário, se divertem em ver o sofrimento deles. Após receber os estímulos e informações já prontas, as pessoas deixam de pensar no sentido racional sobre o que está sendo passado ali, apenas acham divertido ver pessoas se matando, por motivos totalmente banais. A banalidade do mal, se origina em contextos como esses, pela ausência da capacidade cognitiva de se colocar no lugar do outro (SCHIO, 2011).

Após o fim da guerra, quando a fumaça toda se dissipa, as pessoas que acompanhavam o espetáculo não estão mais presentes na plateia. O local encontra-se completamente vazio. Quando a câmera se volta para o palco de marionetes as cortinas se abrem e podemos ver todos os espectadores, agora como bonecos.

Transformados em marionetes, os personagens que agora estão no palco, encontram-se dispostos da mesma forma que se encontravam na tenda, porém já não mais apresentam feições de alegria e interesse pela representação, mas sim feições apáticas, cansadas e pode-se dizer que até apreensivas, pois agora se encontram do outro lado, e isso não é mais algo que divirta ou que emocione. Afinal, quando o acontecimento é visto de fora, tudo parece mais simples, porém a raiz somente quem está diretamente relacionado a ele pode conhecer.

Figura 5 - Todos Marionetes (00:06:46)



Fonte: YouTube (2016).

Com um movimento de inclinação a câmera vai seguindo os fios de controle das marionetes até encontrar quem as manipula. Nesse cenário é possível perceber quem os controla, os líderes das maiores potências mundiais: Kim Jong-un, Angela Merkel, Hillary Clinton, Vladimir Putin e Xi Jinping pulling, que também são bonecos que assim como o pessoal da plateia, estão ligados a fios de controle sendo controlados por alguém (figura 06).

A ação de transformar as pessoas em bonecos manipuláveis, traz uma relação com o que acontece na vida real, através da indústria cultural tudo é transformado em objeto, e isso inclui o próprio homem, que também é utilizado como moeda de troca. Um homem reificado, é semelhante a um boneco, pois, ao ser consumidor da indústria

---

cultural, ele se torna alienado e, portanto, incapaz de pensar sozinho, de propor outra espécie de realidade a partir do já existente, pois recebe tudo minimamente simplificado, sendo assim de fácil manipulação.

Figura 6 – Governantes (00:07:25)



Fonte: YouTube (2016).

O fato de os governantes também serem apresentados como marionetes, nos faz crer que nem mesmo os famigerados “detentores do poder” conseguem ser imunes ao grande sistema e, conseqüentemente, à grande indústria cultural. Eles mesmos são manipulados, devido a alianças estipuladas com outros países. Há sempre algo que está por trás das atitudes humanas, pois é comumente relatado novas alianças de governo ou tratados internacionais, que ligam dois ou mais estados sob o direito internacional. “Hoje os problemas centrais do mundo consistem na organização política das sociedades de massas e na integração política do poder tecnológico” (ARENDDT, 2008, p. 443)

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao analisar o videoclipe, percebe-se que quando ao serem expostas pela primeira vez a cenas de violência no espetáculo, as pessoas demonstram espanto, pavor, nojo. Ficam chocadas com aquilo que está diante delas. Porém, após contínuas exposições

---

passam a gostar do que veem, tendo como algo agradável e passível de distração e divertimento. Poderiam também essas pessoas serem julgadas pelo detrimento da moral e da ética, estando elas num contexto em que aquilo era colocado como belo?

Trazendo a narrativa observada, através de sua substância discursiva e imagética, e colocando-as a dialogar com os referenciais teóricos aqui eleitos, compreende-se então, que a indústria cultural, através do processo de reificação, é capaz de transformar as pessoas em objetos, vindo a banalizar as relações sociais. Através dessa reificação, a indústria cultural leva à espetacularização da vida e da violência, que acaba por gerar um sentimento de indiferença nas pessoas quanto aos acontecimentos que a cercam, o que faz com que elas deixem de se importar com aquilo que acontece ao seu redor, e do mal que a cerca. Por tudo ser transformado em objeto, o mal torna-se banal, pois há ausência de juízo e da capacidade de julgar. Quanto menos uma pessoa se importa com aquilo que acontece à sua volta, quanto menos presta atenção aos acontecimentos, mais superficial se torna, e quanto mais superficial mais propensa ao mal.

As marionetes apresentadas podem ser qualquer um que se encontra em posição de aceitar o que lhe é imposto, por meio de padrões e clichês. Por isso no julgamento toda a espécie humana encontra-se no banco dos réus, até que se descubra “um Eichmann em cada um de nós” (ARENDDT, 1999, p.309).

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 1 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012. 1205 p.

ABDO, Sandra Neves. **Execução/Interpretação musical**: uma abordagem filosófica Per Musi. Belo Horizonte, v.1, 2000. p. 16-24

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

AMIEL, Anne. **Le vocabulaire de Hannah Arendt** . Paris: Ellipses, 2007. 93 p.

AQUINO, João Emiliano Fortaleza De. Espetáculo, comunicação e comunismo em Guy Debord. KRITERION, Belo Horizonte, n. 115, jun. 2007. p. 167-182.

---

ARENDDT, Hannah. *A vida do espírito*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. 544 p

ARENDDT, Hannah. **Compreender**: Formação, exílio e Totalitarismo . 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras , 2008. 490 p.

ARENDDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**: Um relato sobre a Banalidade do Mal . 1 ed. São Paulo: Companhia das letras , 1999. 336 p.

AVENGED SEVENFOLD BRASIL. **Biografia A7X**. Disponível em: <<http://home.avengedsevenfold.com.br/banda/biografia-a7x/>> Acesso em: 16 de julho de 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. ed., rev. e atual. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2010. 281 p.

COELHO, Teixeira,. **O que é indústria cultural**. 15. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. 99 p.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 237 p.

DUARTE JR., João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. Campinas: Papyrus, 2005.

FADROSKI, Kelli Skye. **Avenged sevenfold drops surprise new album while performing atop capitol records building in l.a.** Disponível em: <<https://www.oregister.com/2016/10/28/avenged-sevenfold-drops-surprise-new-album-while-performing-atop-capitol-records-building-in-la/>>. Acesso em: 19 set. 2018.

LETRAS. **Biografia de Avenged Sevenfold**. Disponível em: <<https://www.letras.com.br/biografia/avenged-sevenfold>>. Acesso em: 16 de julho de 2018.

SCHIO, Sônia Maria. **Hannah Arendt**: o mal banal e o julgar. *Veritas*, v. 56, n. 1, jan./abr. 2011, p. 127-136

VALA, Jorge. **A análise de conteúdo**. In: SILVA, A. Santos; PINTO, J. Madureira. **Metodologia das ciências sociais**. Porto: Afrontamento. 1986